

AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO DOCENTE

Marta Aline Costa Fiuza¹; Sthefany Kênia Alves dos Santos²; Léia Gonçalves de Freitas³; Louise Rodrigues Campos⁴

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2023). Faculdade de Educação, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará. Altamira/Pará – Brasil E-mail: martafiuza12@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2023) da Universidade Federal do Pará. E-mail: sthefanykenia2024@gmail.com

³Coordenadora das atividades curriculares de Estágio Supervisionado, Faculdade de Educação, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará. E-mail: leiafreitas@ufpa.br

⁴Professora Orientadora das atividades curriculares de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, Universidade Federal do Pará. E-mail: louisercampos7@gmail.com

Introdução

A agressividade na Educação Infantil constitui um fenômeno recorrente no cotidiano escolar, demandando compreensão teórica e intervenção pedagógica qualificada. Conforme aponta a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), o ingresso da criança na creche ou pré-escola representa sua inserção em novos espaços de socialização, o que pode gerar conflitos decorrentes da interação com o outro. Neste sentido, essa pesquisa que surge imerso as atividades do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, atividade curricular obrigatória do curso de Pedagogia, Campus Universitário de Altamira -UFPA, justifica-se pela necessidade de compreender quais fatores contribuem para o surgimento de comportamentos agressivos na infância e como tais manifestações são interpretadas e mediadas pelos docentes.

Ao pesquisar essa temática os resultados contribuem para o debate acerca da formação docente e para a construção de práticas pedagógicas mais adequadas à realidade da Educação Infantil. Portanto, o objetivo do estudo é analisar os fatores que contribuem para a ocorrência de comportamentos agressivos impactando no desenvolvimento emocional, social e afetivo das crianças, bem como as estratégias adotadas pelas docentes para intervir nessas situações.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo sob o enfoque teórico e metodológico de Marconi e Lakatos (2003), que a compreendem como um tipo de investigação que busca descrever fenômenos por meio da articulação entre dados empíricos e referenciais teóricos.

A coleta de dados foi realizada por meio de observações, durante o estágio supervisionado e registrado em caderno de campo, além da aplicação de um questionário composto por cinco questões abertas aplicadas às professoras da creche. A adoção do questionário serviu para preenchimento de lacunas deixadas pela observação e registro, já que para Marconi e Lakatos (2003, p. 201), “ele é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Participaram da pesquisa três professoras regentes de uma turma de Maternal II B, composta por 28 crianças com idade média de três anos e onze meses, em uma instituição de Educação Infantil da rede municipal de Altamira-PA. Com o objetivo de preservar o anonimato, as participantes foram identificadas como Professoras A, B e C.

Resultados e Discussão

Segundo o psicanalista infantil Winnicott (1982), a agressividade integra a constituição humana, podendo manifestar-se em diferentes fases da vida. No contexto da infância, tais manifestações podem ocorrer de formas variadas, uma vez que algumas crianças expressam comportamentos agressivos de maneira mais evidente, enquanto outras tendem a não exteriorizá-los. Assim, o processo de desenvolvimento emocional envolve a aprendizagem da regulação das emoções e da expressão dos sentimentos, sendo o ambiente em que a criança está inserida um elemento relevante nesse percurso, ao possibilitar formas de mediação e direcionamento dessas manifestações.

Baseado em Winnicott (1982), durante o período de observação, verificamos situações de conflitos interpessoais entre as crianças, manifestadas por meio de comportamentos como empurrões, mordidas e discussões verbais. Tais ocorrências evidenciam a necessidade de compreender os fatores que podem estar associados a essas manifestações no contexto da Educação Infantil.

Associado a esses fatores de agressividade fomos percebendo que as crianças apresentavam comportamento egocêntricos, especialmente em relação à posse de brinquedos, comidas, disputas por objetos, atenção das professoras e ocupação do espaço configuram situações recorrentes no contexto analisado, indicando possíveis relações com os aspectos do desenvolvimento infantil descritos na literatura. Revisitando as teorias de Piaget (1994), compreendemos que o egocentrismo característico desta fase do desenvolvimento pode dificultar a compreensão das regras sociais e das perspectivas do outro, o que tende a favorecer a ocorrência de conflitos nas interações.

Para aprofundar as observações decidimos por aplicar o questionário às professoras, problematizando as seguintes perguntas norteadoras: 1) na sua percepção, a agressividade é algo inerente à criança ou aprendido por meio do ambiente em que ela vive? e 2) quais fatores você acredita que mais contribuem para o surgimento de comportamentos agressivos? (Exemplos: ambiente familiar, uso excessivo de tecnologia, falta de limites, dificuldades emocionais etc.).”

Em respostas às perguntas, as três professoras relataram que o meio em que a criança vive pode influenciar seus comportamentos, destacando o ambiente familiar, a ausência de limites e o uso excessivo de tecnologia como fatores associados ao surgimento de comportamentos agressivos. Tais apontamentos, por se basearem na percepção das docentes, não permitem estabelecer relações causais diretas, mas indicam possíveis

elementos relevantes para a compreensão das manifestações de agressividade na creche investigada.

Observa-se que tanto o uso exagerado de telas quanto a ausência de limites podem estar relacionados ao contexto familiar, evidenciando que o meio em que a criança vive exerce grande influência em suas atitudes. Nesse ínterim, as respostas das professoras dialogam com a teoria do desenvolvimento de Vygotsky (1991, p. 41) ao afirmar que “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual”, ou seja, o desenvolvimento infantil ocorre a partir das interações sociais, sendo o meio um elemento fundamental na formação de comportamentos e atitudes da criança.

Em uma das cenas observadas, foi relatado que a criança apresentava comportamentos agressivos frequentes, que de acordo com as professoras, o contexto familiar envolvia práticas educativas consideradas rígidas, chegando mesmo a ser coercitivas. Esse tipo de práticas existentes nas relações familiares, de acordo com Patterson (1982), citado por Candreva et al. (2009), podem estar associadas ao desenvolvimento de comportamentos agressivos.

A terceira e quarta pergunta foram em relação à família e à escola: 3) Como, geralmente, os pais reagem diante do comportamento agressivo dos filhos no contexto escolar? para esse questionamento, obtivemos as seguintes respostas:

alguns pais reagem muito mal às atitudes dos filhos, enquanto outros demonstram maior compreensão (Professora A, 2026);

as reações variam desde a negação até a colaboração ativa, ressaltando que o papel da escola é acolher, orientar e promover o diálogo, para que família e professores atuem conjuntamente no apoio ao desenvolvimento emocional da criança (Professora B, 2026);

as reações parentais costumam oscilar entre frustração, culpa e a busca por soluções práticas, incluindo apoio profissional (Professora C, 2026).

Com base no relato das professoras, compreendemos que a forma como os pais lidam com o comportamento agressivo dos filhos não é homogênea, sendo influenciada por diferentes fatores emocionais e contextuais. Por isso, é fundamental a presença da afetividade tanto por parte da família quanto da escola no processo de desenvolvimento infantil.

Sobre a afetividade, Wallon (2007, p. 122) destaca que “ela desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois é por meio dela que se estabelecem suas primeiras relações com o meio”. Dessa forma, as manifestações comportamentais, incluindo a agressividade, podem ser compreendidas como formas de expressão das experiências afetivas vivenciadas pela criança em seus contextos de socialização.

Com base nas respostas das professoras nos interessou saber como era parceria escola e família para tratar sobre a temática, desse modo questionamos: 4) de que forma o trabalho conjunto entre professores e famílias pode contribuir para lidar com esse tipo de comportamento? As respostas foram as seguintes:

a importância de uma boa conversa entre professores e pais (Professora A, 2026);

a parceria entre escola e família cria uma rede de apoio que favorece o desenvolvimento emocional da criança e a construção de comportamentos mais positivos e respeitosos (Professora B, 2026);

a troca de informações entre família e escola permite compreender melhor o contexto de vida do aluno, suas dificuldades, gatilhos e potencialidades (Professora C, 2026).

As três docentes destacaram a importância do diálogo e da cooperação entre ambos os contextos. Ao analisar as falas a partir dos estudos de Bronfenbrenner (2002), inferimos que o desenvolvimento humano é influenciado por múltiplos sistemas inter-relacionados, entre eles a família e a escola, que compõem o microsistema. A interação entre esses contextos, denominada mesossistema, pode exercer influência no desenvolvimento socioemocional da criança.

Por fim, perguntamos às professoras: 5) quais estratégias pedagógicas você considera mais eficazes para reduzir a agressividade na sala de aula? As professoras responderam:

é fundamental ensinar com carinho dentro da sala de aula (Professora A, 2026);

a melhor forma de reduzir a agressividade é investir em práticas pedagógicas que ajudem a criança a lidar com suas emoções e a conviver de forma respeitosa com os outros (Professora B, 2026);

a criação de um conjunto de regras e normas de convivência contribui para um ambiente previsível e seguro, no qual os alunos se sentem mais confiantes quanto aos limites estabelecidos (Professora C, 2026).

Analisando os relatos percebemos que as professoras adotavam estratégias mediadoras, baseadas na interrupção do conflito, diálogo, orientação e adotando encaminhamentos como a separação momentânea dos envolvidos e a proposição de um tempo de reflexão ou, quando necessário, o encaminhamento à equipe gestora. Dessa forma, tais práticas podem ser compreendidas à luz das contribuições de Vygotsky (1991), ao destacar que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da mediação social, sendo o professor um agente central na organização de experiências que favoreçam a autorregulação do comportamento infantil.

Neste entendimento, Jean Piaget (1994) aponta que a construção da moralidade ocorre progressivamente por meio das interações sociais e da compreensão das normas, necessitando, portanto, da mediação docente, favorecendo não somente a resolução imediata dos conflitos, mas também o desenvolvimento da autonomia moral e do respeito mútuo. Dessa forma, as estratégias observadas, baseadas no diálogo, na mediação de conflitos e na organização de regras dialogam com abordagens contemporâneas que valorizam o desenvolvimento de competências socioemocionais na Educação Infantil, priorizando intervenções formativas em detrimento de práticas exclusivamente punitivas.

Os resultados da pesquisa indicaram que a agressividade na Educação Infantil deve ser compreendida como um fenômeno multifatorial, relacionado aos aspectos do desenvolvimento infantil, construção de afetividade e às experiências vivenciadas em diferentes contextos sociais, sendo a creche um ambiente que exige intervenção docente na mediação dos conflitos por meio de práticas pedagógicas que envolvem escuta, diálogo e orientação. Além disso, destacamos a relevância da articulação entre escola e família como elemento que contribui para o enfrentamento dessas manifestações.

Diante disso, a pesquisa reitera a necessidade de formação docente voltada para a compreensão do desenvolvimento socioemocional das crianças, bem como estratégias pedagógicas fundamentadas em uma postura docente de escuta ativa, empatia e formação contínua. Por fim, reconhece-se a importância de novos estudos que aprofundem a temática, considerando diferentes contextos e realidades educacionais.

Palavras Chaves: Afetividade; Interação Social; Desenvolvimento Infantil.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2017.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CANDREVA, Thábata et al. **A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção**. Pensar a Prática, v. 12, n. 1, p. 1–11, jan./abr. 2009

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.
Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=jGH_amDeFM0C. Acesso em 13 de novembro de 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
Disponível em: https://estudosdotrabalho.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/03/vygotski_formacao-socialmente.pdf. Acesso em 21 de março de 2026.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, Donald W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.